

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

---

N.º 7

*Elogio*  
*de*  
*Paulo Álvares Lôbo*

PATRONO DA CADEIRA N.º 29

PELO ACADEMICO  
CELSO MARIA DE MELLO PUPO.

PROFERIDO EM 26 DE JULHO DE 1957

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

1958

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA  
CAMPINENSE DE LETRAS

*Volumes publicados:*

- 1 — *Elogio Fúnebre de Rafael de Andrade Duarte* — Lycurgo de Castro Santos Filho.
- 2 — *Chá de Noivado* — B. Sampaio.
- 3 — *Elogio de Carlos William Stevenson* — Eng.º Paulo Silva Pinheiro.
- 4 — *Elogio do poeta Alberto de Oliveira* — Waldomiro de Vasconcellos Ferreira.
- 5 — *Um poeta Campineiro*: B. Sampaio — F. R. Sampaio.
- 6 — *Elogio do Prof. João Lourenço Rodrigues* — Carlos Francisco de Paula.

CMP 2.1.93.4

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

N.º 7

*Elogio*  
de  
*Paulo Álvares Lôbo*

PATRONO DA CADEIRA N.º 29

PELO ACADÊMICO  
CELSO MARIA DE MELLO PUPO.

PROFERIDO EM 26 DE JULHO DE 1957

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS  
1958

*Com amizade, do autor:  
Celsoganis de S. P.*

Compõe-se esta edição de 200 exemplares, numerados e assinados pelo presidente da Academia Campinense de Letras e pelo Autor:

*F. J. Campesato*  
N.º 28

*Am*



PAULO ÁLVARES LÔBO  
(1904)

---

Composto e impresso nas oficinas da  
EMPRESA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA.,  
Rua. Conde de Sarzedas n.º 38 — S. Paulo — Brasil em 1958

Exmo. Sr. Presidente do Centro de Ciências, Letras e Artes.

Exmos. Srs. Representantes das Entidades de Campinas. Exmas. Senhoras e Senhores.

Exmo. Snr. Presidente da Academia Campinense de Letras. Exmos. Srs. Acadêmicos.

No gôzo da graça que me concedeis, de ser ouvido na mais alta côrte literária de nossa terra; amedrontado e vacilante, entre a consciência da responsabilidade e do risco e o desejo de alcançar mais uma remissão para os meus dizeres incertos e para o meu tartamudear nas letras, peço-vos que considereis o meu embaraço que mais cresce e mais me envolve diante da excelsa figura de Paulo Lôbo, meu patrono sublimado pela fé, pelo caráter e por brilhante e destro talento. Estivesse em meu lugar, como êle, um esteta da beleza e do arrebatamento da sua palavra, da precisão, da transparência, da sonoridade das suas letras e da profundidade do seu conhecimento jurídico, para com maestria apresentar-vos o jornalista, o advogado, o mestre da oratória, o aristocrata do espírito que por muitos anos distribuiu, generoso, as riquezas da

sua inteligência, e não estaríeis vós à mercê do meu carpintejar literário.

Valho-me do mimo da vossa bondade.

\* \* \*

Se o jornalista é aquêlê arauto do bem e da beleza, o entusiasta da publicidade honesta que leva ao recôndito dos lares a verdade benfazeja, o aplauso merecido, o medir com justiça, o noticiar de sadios folgares, o ensinar com sabedoria, o aprimorar das letras e a pureza da língua, êsse era Paulo Lôbo que desde os tempos colegiais alçou os cumes da primazia, adejando além dos seus pares, num pontificado do intelecto. Polígrafo, no jornalismo, seguro na vernaculidade de um clássico, tanto escrevia da galanteria graciosa do social convívio da época, como da política e da administração, como dos cânones da ciência econômica, como dos fulgores das tardes lindas de Campinas ou dos líriais anjinhos da Senhora da Conceição nos esplendores da fé cristã da gente campinense. O brilho de sua pena fulgurou sempre: no romance da sua mocidade, no embate das suas polémicas, justo, rijo, intrépido; altaneiro e vivaz, amorável e poeta, distribuía a sonoridade de um descrever bucólico, poetava na sua prosa sôbre as grandezas da terra, afervorava corações com os eflúvios de místico falar das coisas do céu; e vergastava a impostura, sempre nas alturas da sua dignidade, como se o senso da nobreza lhe molhasse a pena em

cada pensamento. Quando de mister um corretivo, bramia impávido e irresistível, o látego, desmascando a calúnia e ironizando o que se adornava de mentiras. Polemista dos mais destros, ágil e vibrante, dispunha de imensos recursos para esgrimir vantajosamente, sem falar rasteiro, levando a palma pela solidez do argumento ou pela dureza da sua verdade.

Para que não oiçamos só o meu dizer, demos a palavra a um dos seus companheiros de redação, o poeta e jornalista Vítor Caruso, preciosa testemunha na palestra que fêz há dois anos na Associação Campineira de Imprensa:

“Paulo era uma criatura adorável. Sempre de bom humor, tinha uma alegria contagiante. Advogado dos mais conspícuos embora, era na imprensa o seu lugar. A arte da oratória o destacou, nesta terra que conheceu o grande César Bierrenbach. Pode-se dizer que nasceu para as lutas e as emoções da imprensa. Na “A Cidade” escrevia as suas crônicas e os artigos de fundo que — segundo as praxes de então — abriam obrigatòriamente o jornal. E era admirável a facilidade em que produzia, sob a assinatura de “Nunzio Naso” e “Buon Giorno”. Às vêzes, com preguiça de escrever, ditava. E era eu quem apanhava o artigo. Ditava-o dum fôlego; e, no fim, o relia e nenhuma corrigenda lhe introduzia. Nas notas, ou notícias importantes que redigia, ficava a

marca do seu estilo inconfundível. Era outro perfeito conhecedor da língua portuguesa. Lia muito os clássicos e o que escrevia tinha um cunho de Manuel Bernardes”. “Dêle direi mais, que ninguém o excedeu, ainda, como cronista, como comentador do fato diário”.

Da sua época, era o amigo e grande caráter Durval Ferrão, recentemente falecido. Também escreveu sobre Paulo Lôbo, em periódico jocoso do ano de 1912, para nos deixar relato jovial num perfil preciso que assim se encerrava:

“Seu estilo corrente, agradável, puro, à Vieira, tem um cunho original que a observação e o estudo conseguiram firmar, deleitando a quem lê seus artigos e ouve seus discursos, pois é ele ainda um dos melhores e mais reputados oradores de Campinas”.

Realmente, orador espontâneo e eloqüentíssimo, seu falar era o ribombo de gigantes' águas despenhadas do alto, claras, cristalinas, borrifando as luminárias do seu dizer gracioso e elegante, espraçando-se transparentes com as néveas espumas da sua riqueza vocabular, eletrizando entusiasmos, resplandescentes de inspiração que o fez grande nas lides tribunícias. Mestre consumado, a textura das suas elocuições, grácil, plena de erudição ou veemente e persuasiva, marcava-lhe a consagração alinhando-o na vanguarda dos melhores do seu tempo.

Advogou com proficiência vencendo em pleitos renhidos e dificultosos, tendo sido, no cível e na criminalística, um dos nomes mais consagrados. Advogado da mais pura consciência cristã, nunca desmentiu a solidez das suas convicções, como um apóstolo do direito, como defensor dos oprimidos, no desassombro das reivindicações de justiça para os que se acolhiam aos conhecimentos jurídicos do advogado honesto. Em alguns feitos que se destacaram ou pela matéria que envolviam ou pela repercussão no meio social, teve êle campo para exercício talentoso do seu ministério, dentro dos seus princípios religiosos, como fez em ação de desquite, confirmando o matrimônio na própria “qualidade sacramental”, na própria “origem divina”; ilustrou autos de processos que conservam o saber jurídico do hábil advogado e honrou a tribuna do júri por exceler nela com seus dotes singulares, impressionando pela sua característica prontidão em se utilizar do inesperado, revidando com espírito, acuidade e absoluta segurança, um asserto do adversário. O seu talentoso sobrinho Pelágio Lôbo, em apreciação sobre trabalhos de advogados, diria mais tarde que o vivíssimo tio era aquêle advogado que lia “um pouco e adivinhava o resto”.

Na vida turfística teve um destacado lugar; ainda estudante mas já cronista esportivo, dedicou-se ao turfe com singular entusiasmo; conhecedor de tôdas as particularidades dêste esporte, não se satisfazia no deleite do aficionado mas se entregava a grandes trabalhos e realizações que o guindaram a sócio hono-

rário do Jockey Club de São Paulo. A sobrevivência do Jockey Club Campineiro deve-se a Paulo Lôbo, sócio, diretor e presidente até em tormentosos dias que êle soube transformar em fase de renascença para poder êle mesmo dizer: “éramos inglórios detentores de ruínas e somos agora senhores do terceiro hipódromo do país”.

\* \* \*

Remontando-nos ao século dezessete e estendendo as nossas vistas pela velha Europa, veremos a famosa cidade de Antuérpia agitada em lutas religiosas; seu ativo comércio estagnado, suas emprêsas decadentes, suas riquezas arruinadas e seus filhos expatriando-se em busca de paz em outras terras, em busca de fortuna. A cidade tão cheia de glória, tão marcada pelo esplendor da grandeza que se apagava, pátria de ilustres, pátria de artistas, de pintores que nasceriam com os nomes de Rubens e Van Dyck, decaía do seu brilho; entre os retirantes, Pedro Lelou de Lannoy, fidalgo e soldado, buscou as terras portuguesas no sólo colonial do Brasil infante, para ser aqui militar com o alto pôsto de mestre de campo e capitão-mor governador da capitania do Ceará em agitadíssimo período de sua conquista. Foi êste flamengo casado com lisboeta, D. Joana Lôbo de Albertim, filha de pai também militar, português, da mais alta nobreza da península, vindo ao Brasil a serviço de sua pátria e do seu rei.

Do casal, dois filhos registram os alfarrábios, Luís e Manuel Lôbo de Albertim, que preferiram aos apelidos paternos, os maternos, talvez na época mais brasileiros, de mais lustre, e mais do agrado dos sentimentos coloniais. O Manuel, casado em Olinda, foi pai de um segundo Manuel, batizado aos 6 de julho de 1716 na freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres de Maranguape, quando teve por padrinho o avô paterno flamengo, o mestre de campo, cujo cognome reproduziu em forma de evolução lingüística, com os apelidos Lôbo de Albertim Lanoia.

Êste segundo Manuel deixou as terras do Nordeste para se fixar em Paranaguá, então capitania de São Paulo, onde se casou em 1752 com a paulista D. Maria Francisca Xavier. Entre os seus filhos, houve o terceiro Manuel, também Lôbo de Albertim Lanoia, sacerdote que vigariou a freguesia de Guaratuba, filho cadete, pois o primogênito era o primeiro José Manuel Lôbo, nascido na mesma cidade em 1753, homem de negócios e de haveres, alto, loiro como eram todos os Lôbos, de olhos pardos, pai de oito filhas e de um filho que foi o segundo José Manuel Lôbo. Êste mudou-se para Itu e, sendo letrado, ocupou o cargo de escrivão da Ouvidoria; na mesma cidade casou-se em segundas núpcias com D. Teresa Xavier Álvares de Lima, paulista de velha cepa, de cujo casamento nasceu o Maestro Elias Álvares Lôbo.

O maestro ituano foi compositor de renome, sendo muitos os historiadores que se referem ao seu talento. Na terra natal casou-se com D. Elisa Eufro-

sina da Costa, de origem mista de recente sangue português com paulistas de tradição. Foram os pais do meu patrono que também nasceu em Itu, aos 17 de março de 1871.

Desde os seus primeiros anos, a fase risonha da infância, não deixou Paulo Lôbo de se revelar o menino vivo, esperto, traquinas de temperamento e de ação, mostrando já tôda a vitalidade que havia de marcar sua personalidade superior. Acompanhava os maiores, media com êles as peraltagens, intemorato não fugia às mais ousadas travessuras dos companheiros mais velhos, aos quais se igualava na coragem e na audácia; de uma feita os acompanhou num ataque às frutas saborosas do quintal do Barão de Itaim; galgaram os muros, sendo o pequeno Paulo ajudado pelos mais velhos; já se atiravam aos pomos quando os surpreendeu o barão vigilante, desperto por outras e anteriores disposições comunitárias dos garotos. A debandada foi célere, e em veloz corrida foram transpostos os tapumes da chácara sem que nenhum dos companheiros se lembrasse, em tal pânico, de dar uma ajuda ao pequeno Paulo, impossibilitado, sozinho, de saltar o alto muro livrando-se da perseguição do senhor enfurecido. Seguro por um braço e àsperamente interrogado pelo fidalgo sobre a irregular estadia na propriedade, não se amedrontou como era de esperar; deu explicações, fêz o seu arrazoado com segurança e espírito, numa revelação de futuro e brilhante causídico, transmudando a cólera nobiliárquica em gostosa e burguesa gargalhada,

livrando-se do castigo e criando fama pelo caso que era. verdadeiramente, um dos primeiros lampejos do talento de escol que rasgaria uma trajetória de fulgurações.

Seu pai inteiramente dedicado a sua arte, vivia de parsimonioso ganhar, como professor de música, proventos que não acompanhavam os gastos da família cada vez maior, o que o levou, ao contar cauteloso os limitados recursos, a procurar Campinas, cidade de mais vastas possibilidades e de grandes fortunas particulares hauridas na cultura cafeeira. Nesta terra que blasonava destacada grandeza, que se avantajava em confronto com a capital da província pela faustosa riqueza de sua gente realizadora audaz, aristocrata do Império e aristocrata do bom gosto e da sensibilidade artística, maiormente distribuiria o maestro professor os acordes de sua arte invejável e melhormente colheria os benefícios do seu trabalho. — Aqui passou Paulo radiosos dias de sua meninice.

Mas, o brincar de uma criança vale como afirmação de suas tendências e disto o nosso menino já nos dava uma afirmação solidíssima, em teimosia irremovível, como pôde medir o seu bondoso mas severíssimo pai. Naqueles velhos tempos era hábito dos médicos visitar seus clientes cavalgando animais de sua propriedade; condução rápida para a época e fácil de permanecer às portas dos doentes, entregando-se as rédeas do animal aos escravos da casa ou aos garotos da família que as seguravam até o fim da visita. Paulo se prestava com prontidão e alegria

a êste desencargo, mas menino de fortes pendores para ser o turfman que foi, mal sumia-se o médico corredor a dentro para atender ao doente, o nosso Paulo saltava para a sela e ia fazer o seu galope pelas ruas da cidade. Apaixonado incontentável do cavalgar, fugia-lhe o tempo e, ao voltar para casa, já encontrava no passeio, à espera do cavalo, o médico impaciente e o músico seu pai a esconder a cólera nas desculpas que apresentava pela falta do filho. Afastando-se o médico, seguia-se, então, uma boa sova que o maestro não transferia e não dispensava mesmo a pedido do próprio facultativo muitas vêzes solícito em salvar do castigo o menino estimado. Na seguinte visita médica, invariavelmente, repetia-se o galope e repetia-se a sova.

\* \* \*

O colégio São Luís de Itu, sob a direção dos sábios e bondosos jesuítas, dos melhores educadores que temos tido, foi escolhido para a educação do menino. Matriculou-se com dez anos de idade, em 1881, no mesmo dia da matrícula do seu irmão Elias e pouco depois da matrícula de Paulo Maria de Lacerda, o grande juriconsulto que elevou o nome de sua terra. Depois do curso preliminar, em 1883 já estava êle na primeira série, e com doze anos de idade entrava para a Arcádia Gregoriana, a academia de letras do colégio, na qual ombreou com Paulo de Lacerda, César Bierrenbach e Carlos Magalhães de Azeredo, que

seria membro da Academia Brasileira de Letras e embaixador brasileiro junto ao Vaticano. Êste diplomata, cuja amizade Paulo Lôbo conservou até o fim de sua vida, ainda exercendo a embaixada na côrte pontifícia, lembrava, ao colega antigo, seu tempo colegial, em formosa e amiga carta, exemplar magnífico da literatura epistolar de onde transcrevo êstes trechos encantadores:

“Qual não seria o teu espanto, ao ler o meu nome por assinatura desta carta se teu irmão Antônio já não te houvesse prevenido do seu encontro comigo aqui, e do carinho sempre sincero e estranho, com que de ti lhe falei!... Assim acontece tantas vêzes, e é esta uma das estranhezas da vida, que as tem às mil... Correm anos, lustros, décadas, sem que, de dois amigos separados pelo destino, um dê ao outro o mínimo sinal de lembrança. Uma circunstância fortuita, uma conversa, uma palavra, e o afeto, adormecido, mas não extinto, ressurge, com todo o seu cortejo de sentimentos e recordações”.

“Gostei tanto de renovar, em palestra com teu irmão, aquêle bom período da tua e minha adolescência. Quantas pessoas e cousas me passaram por diante dos olhos! Êles se umedeceram um pouco, talvez, e a voz tremeu, por instantes, de emoção. Mas a minha alma sentiu-se feliz, enquanto eu falava do meu anti-

go companheiro e amigo, revendo-o tal qual era junto a mim qual eu era também”.

O curso do colégio foi feito em anos seguintes, com alguns prêmios e menções, deixando a Paulo Lôbo sólida base cultural e gratíssima recordação que êle se comprazia em recordar com as mais carinhosas referências aos padres de sua época, finda em 1886, quando se submeteu aos primeiros exames de preparatórios em São Paulo.

Os estudos de direito fêz êle ao alvorecer da república; anos agitados do período que se iniciou com o ocaso da monarquia e que teve sua maior crise na revolta da armada em setembro de 1893; período que vinha do Império nas últimas efervecências políticas e econômicas, estendeu-se pelo governo de Deodoro, agravou-se com o golpe de Estado de 3 de novembro de 91, levando à renúncia o Presidente da República, e marcou o governo de Floriano Peixoto conservado ilegalmente na presidência por decisão inconstitucional do Congresso Legislativo que entendeu assim, de forma única naquela contingência, consolidar o regime recém-implantado no país.

Floriano, mantido na presidência para completar o período governamental e que, desde os descontentamentos de correligionários no governo do seu antecessor, já era visto por êstes como a esperança para a estabilidade do novo regime, teve, especialmente de São Paulo, integral apoio nascido em convicções políticas das mais puras, vigilantes e ativas como se mediram

naqueles dias de luta. Bernardino de Campos, presidindo o nosso Estado, desde as primeiras horas da revolta de Custódio de Melo, multiplicou-se em cuidados de amparar o governo federal, e contou com a opinião republicana paulista que deu ao seu presidente cooperação de entusiasmo e de sangue. Nela se incluía a classe estudiosa já em 11 do mesmo mês reunida no Clube Republicano, onde se instituiu o Batalhão Acadêmico para a defesa do governo, e no qual se inscreveu Paulo Lôbo, seguro nas suas opiniões herdadas do pai republicano histórico e convencional de Itu.

Organizado o batalhão da Academia, fardado e municiado, fêz êle parte da guarnição de Santos e da guarnição da fortaleza de São João no Rio de Janeiro. Nesta fortaleza coube a Paulo Lôbo guarnecer, com demais praças, a única peça de artilharia entregue aos acadêmicos, que tomava parte nos bombardeios cotidianos, para que assim até na guerra estivesse êle entre os mais ativos como estêve até o fim da revolta.

Sua vida de estudante se dividiu entre as Arcadas e o jornal, com intervalos para comícios e agitações da classe, nos quais sempre tomava papel saliente. Em 1893 fazia parte do corpo redatorial do “Diário Popular”, onde permaneceu até 1897, um ano depois de sua formatura, pois se havia bacharelado na turma de 96 com Fausto Ferraz, João Chaves, Pedro Árbues, Ataliba Leonel, Mário Tavares e outros que se destacaram no cenário brasileiro. Trabalhou ainda na

“Platéa” com Araújo Guerra e em “A Nação” com Herculano de Freitas, seu grande amigo, genro do General Glicério, a cujo grupo político juntaram-se os irmãos Lôbos que, como advogados entendiam-se: Antônio Lôbo, o mais velho, bacharel em 1884, advogado em Campinas por mais de cinqüenta anos, vereador, presidente da Câmara, Prefeito de Campinas, deputado estadual e presidente da Câmara dos Deputados, dedicadíssimo aos interêsses do município e de rara envergadura moral; José Manuel Lôbo, formado em 1886, grande orador e grande criminalista, deputado federal e secretário de Estado no governo Carlos de Campos; e Paulo Lôbo, que se aliou aos irmãos para a sua vida de advogado e de jornalista como escritor peregrino.

\* \* \*

“A Cidade” jornal diário da direção de Alberto Faria, depois membro da Academia Brasileira de Letras, formava na imprensa honesta de Campinas. Nêle foi Paulo Lôbo primeiramente colaborador, depois secretário de redação e finalmente redator chefe, fazendo daquelas colunas um manancial de jóias da sua pena de jornalista que na época deixava extravasar seu sentir de môço, môço ainda na fase do sonho nimbado de romantismo, sentindo o vazio do celibato e ansiando por um lar seu e por um afeto constante e puro. Eram os pendores do coração bem formado, que mesmo nas procelas do grande mundo

chega ao dia de almejar quem compartilhe de sua vida, sentindo estranhamente um vago descante de sua alma, um envolver de êxtases, um desabrochar de afetos, um anseio indistinto, incompreensível mas que se materializa mansamente, evoluindo para uma silhueta de mulher. Eis aí, quando nos dá Paulo Lôbo mostra da pujança do seu estilo em confidências a Enzo Glimaldo, formosas confidências cheias de paixão e lirismo, repassadas da delicadeza de quem elegia as colunas do jornal relicário da harmonia dos acordes mais íntimos do seu coração. Dizia êle:

“Cumpro a promessa.

Em uma tarde roixa, bem me lembro, crepúsculo propício aos eflúvios da saudade, vi-a pela primeira vez; e então, sob o estranho, inesperado influxo do seu conspecto senti êste contraste que ponho diante de ti, meu Grimaldo: — a natureza sombria emoldurada no poente esmaecido e mádido, quase desfeito em sombras, emotival, indistinto, sugerindo melancolias — e a madrugada lúcida que aque-la figura de criança resumia no fulgor imaterial de seus quinze anos, suaves como bênçãos — inspirando deleites.

Três anos faz que o ocaso roixo dessa tarde, em seguida noite estrelada, órfão do sol que é, viu pela primeira vez a primogênita da luz, a aurora triunfal nos vivazes clarões do meu amor nascente.

Lembras-te, estou certo, dos meus queixumes de enfado, anseios de alma deserta de aspirações e ideais, que acreditavas serem visões e fantasias.

Não o eram.

Nessa tarde meus olhos viram na conformação líria daquela criança, meiga como promessas, aquilo que faltava ao êrmo do meu espírito”.

Logo a seguir, aquêlê coração môço e apaixonado, em rimas embevecidas, dizia do seu amor nas ânsias da dúvida :

*“Junja-se ao verso, em ritmo preclaro,  
esta saudade desalentadora,  
como exemplar de um orquidário raro  
a êsses troncos d’árvore, senhora.  
É a minha alma, crede, a minha pena  
aqui feita mercê do rir profano  
das mesmas rimas que me vão da pena  
— rude capricho de meu rude engano.  
Poís, seja embora. A dúvida que resta  
digo-vos já com precisão — é esta  
— saber quem mais se ri neste descante:  
se o poemeto, senhora, fútil, breve,  
rindo da soledade que descreve,  
se vós do meu afeto a todo o instante.”*

Meses após, o enamorado fazia suas preces, transbordante o coração de felicidade e encantamento;

não duvidava, exultava rememorando cuidados e bendizendo na poesia de suas palavras doces:

“Quando a Graça do Amor veio a mim, trazida nos raios benignos de tuas pupilas verdes, que são a minha luz, o Espírito rebelde, inspirado na descrença, pesou-me sôbre as pálpebras e cerrou-as.

Era o gênio precito, senhora, infenso aos fervores do culto, envolvendo-me em seu caos maligno para que não visse em teus olhares o batismo que purifica, em teu primeiro sorriso a fé que salva. Mas a luz da Graça, irradiação divina, penetra os corações, impregnada de seus eflúvios; fugindo às tentações da ímpia dúvida, murmurou sua primeira prece e disse: “Benditos os teus olhos verdes, senhora, entre todos os olhos de mulher formosa”.

\* \* \*

“Os males do tempo conluiaram a ruína do teu servo, para que o desamasses e maldisseram dêle.

A adversidade encarnou-se em forma feminina e compôs dessa matéria vultos de suave aspecto e assim surgiu diante de ti, deusa do meu culto.

Aí, à face de tua bondade ergueu o tribunal conjurador e como as falas femininas

sabem a favos, tôda a doçura de seu timbre verteu no pleito, articulando a minha indignidade.

E atribulada dêsse desconfôrto, no temor da perdição iminente, minha alma murmurou sua prece e disse:

— Pequeninas, alvas mãos de menina, que os atalhos prevenis e o condão haveis que os passos guia para a bem-aventurança, alvas mãozinhas, benditas sejais vós”.

\* \* \*

“A vida tem enganosa, senhora, tem os céus para cobrir o seu azul de bonança tintas mais negras que a noute, mantos mais pesados que a maldição.

Um sôpro só desta mortal miséria o brilho apaga de mil constelações.

Os arremessos da sua iníqua voragem turbilhonam; sente-se minha alma prestes a desprender-se da prisão de tuas cadeias, mas, volvendo-se a ti, balbucia sua prece e diz:

— Cabelos d’áureo fulgir, que venceis em carícias os cetins mais raros e em perfume as corolas mais fragrantas, dai-me a curva dêsses anéis onde me prenda e benditos sejais vós.

\* \* \*

“E o gênio da descrença ao vosso afeto curva-se; vence os males do tempo a tua bon-

dade; e os teus olhos verdes, tuas pequeninas mãos e os teus cabelos áureos, artigos de minha fé que são, o nosso amor defendem!

Bendita sejas tu”.

\* \* \*

Um ano depois estava casado com a menina dos olhos verdes.

\* \* \*

Na faina jornalística, ocupou-lhe a atenção a grande crise econômica causada pela baixa do café, quando se cogitou da queima dêste produto, medida tantos anos mais tarde adotada mas que, então, evitou-se pela intervenção do governo Jorge Tibiriçá. Assuntos econômicos, interesses gerais do país, política internacional, política nacional e política municipal à qual se prendia solidário com o seu irmão Antônio que a dirigia com outros elementos de Campinas, foi digressão de sua pena.

Mas a política, ao findar a primeira década do atual século, agitou-se grandemente em Campinas com casos que se desvalaram para as discussões de campo menos nobre a que descem ânimos exaltados e cegados por essa exaltação. Retrata Paulo Lôbo esta época:

“Os homens assim assumem aspectos horríficos, tetricos, descoradas as faces, encovados os olhos, crispados os tecidos, eriçados os

cabelos, lampejantes as pupilas sobressaltadas, como se fôsem feras escapadas de jaulas, após jejuns de dias longos e aguilhoados da cernelha aos quartos irrequietos.

Não se permuta mais uma idéia, não se expõe mais um plano, e não mais se firmam pontos de amoráveis palestras que, de pronto, a assimilação da injúria não supere excitada, não desvirtue os raciocínios para retaliações que nos assoberbam, não tanto pela narrativa das patifarias alheias mas pela prodigiosa memória com que se guardam, conservam e desenvolvem fatos e atos que põem em pânico reputações, não já de uma pessoa mas de uma geração”.

E não deixava de haver mesmo portador de certa desenvoltura para retaliamento de dignidades e para deslustré da honrosa atividade da imprensa; chamava Zola de sapos êsses artigos peçonhentos saídos de tais penas, como bem observava o meu patrono, referindo-se a certo panfletário:

“Em tudo que escreveu não há um período que se libere da insânia, do ultraje, e da impureza”.

Não faltava repulsa a êsse denegrir de conceitos: um antigo promotor da Comarca deu a lume vibrante libelo, rimado, em formosíssimos alexandrinos, intitulado “O Sapo” e Paulo Lôbo, que não foi poupado,

mesmo na intangibilidade das suas qualidades pessoais, viu-se obrigado a enérgico rebato, famoso no seu tempo, nunca respondido e que pôs têrmo a impropérios. Porque na polêmica era êle inigualável pela sua pugnacidade e pela coragem com que enfrentava qualquer adversário; nunca deixava vantagem ao contendor, mas o confronto dos seus artigos com os contrários, das suas defesas, pois não iniciava a contenda mas se defendia com vigor, mostra a sua superioridade moral e intelectual e o desespero dos seus desafetos.

Como redator de jornal, suas atividades decorreram dos primeiros anos dêste século até 1915. Desde o interior da redação do jornal que dirigia, era êle quem comunicava vida com a sua transbordante atividade. Ausentando-se certa vez para o Rio, com alguma demora, teve o seu sobrinho, ainda o Pelágio, colaborador diário em um mês de suas férias acadêmicas, ocasião de lamentar a soledade e descrever o ambiente agitado das noites de confecção do jornal, quando presente o redator chefe:

“Ê que todos nos habituamos a passar numa fuga de pilhérias e de palestra no doce entono a que a camaradagem dá lanço, as rápidas horas em que os trabalhos da fôlha menos nos pesam por estarem já em seu meio. Então, debruçados sôbre as quatro mesas da redação, e entre a fumaçada espessa e insolente dos “Castelões”, instintivamente passa-

mos em revista os fatos de monta do dia, envernizando-os muitas vêzes de ridículo para que êles escorreguem dôcilmente pela conversa, e não nos obriguem a discordâncias barulhentas a que está particularmente afeito por índole, por hábito, pelo exercício da tribuna judiciária e por exigências respeitáveis do aparelho vocal — o nosso redator.

Há às vêzes debates formidáveis, há choques de idéias que chamam à porta os raros boquiabertos que transitam pelo largo, enquanto a sua verve aguda e penetrante esfuzia e passeia pelas opiniões dando-lhes côr, transmitindo-lhes vida, pondo-lhes um sôpro de alma e de alegria que faz com que elas brinquem nos diálogos com faceirices e pinotes de carnaval”.

Porém, tôda a sua exaltada atividade, tôda a sua alegria, tôda a fácil exasperação, fácil mas passageira, ràpidamente esquecida, não privaram, antes impeliram Paulo Lôbo a fazer das colunas da imprensa um extravasar constante do seu exuberante talento.

\* \* \*

Conversador gracioso, em sociedade seu convívio atraía; falante de exposição fácil e cheia de espírito, superava nas rodas sociais com a fôrça subtil de sua inteligência; vivo, animador, envolvia, contagiava,

sempre eloqüente, senhoril, imaginoso e vibrátil, dominando nos torneios da palestra; participou da vida elegante de Campinas naquela época em que a cultura a exalar francesismo cheio de graça, perfumava todos os encontros sociais mais requintados; naquela época em que o cultivo das letras se aprimorava distribuindo valiosas produções em prosa e verso; naquela época em que “A Cidade de Campinas”, jornal de Paulo Lôbo, dava aos leitores colaborações de Coelho Neto, Olavo Bilac, Sílvio de Almeida, Melo Moraes Filho, Garcia Redondo, Visconde de Taunay, Filinto de Almeida, Medeiros e Albuquerque, Amadeu Amaral, Freitas Guimarães, Vieira de Almeida, Basílio de Magalhães e outros luminares; naquela época em que a par de apreciados quartetos de câmara, ouviam-se grandes artistas do bel-canto, conjuntos líricos em especial apreciados por Paulo Lôbo que, sem conhecimentos teóricos da música, era, como filho de artista que lhe transmitiu o gôsto, seu grande conhecedor; naquela época em que se destacavam as reuniões literárias, as festas da poesia e das obras primas como a Pastoral de Coelho Neto e a encenação da Ceia dos Cardeaes na qual encarnou o meu patrono o Montmorency mesureiro e galanteador, a afirmar como tão bem lhe cabia na personalidade, que “enfim, o amor, pensando bem, não é só bravura, é o espírito também”.

Mais tarde, já em dilatado caminhar da vida, compunha ainda Paulo Lôbo, como patrono e sob o nome de Clodoveu, o grupo dos Monóculos e Lunetas,

rapazes e môças da sociedade, reunidos para diversões de espírito. Foi para uma das suas tertúlias que êle, mestre também em outras línguas, verteu para o português “El Porco” de Trilussa, sem trair espírito e composição poética, como vamos ver:

“EL PORCO (Versão rimada por Clodoveu)

*Um velho porco a umas Vacas disse:*

*— Vou a isto pôr têrmo,  
que aqui viver já é porca tolice,  
é vegetar num êrmo.*

*Meto-me em roupa feita em alfaiate,  
em gravata e botinas,  
relógio d'ouro do melhor quilate  
e lunetas bem finas.*

*E vou-me, assim, à moda p'ra cidade.*

*Aí, ó Vacas, vive o grande mundo,  
aí há gente boa, há sociedade.*

*Foi dito e feito: à noite, sem mais nada,  
pilhava-se no chá de uma condessa  
ou cousa que com isso se pareça,  
feliz, como é um porco à madrugada...*

*Foi bem notado: lépido, cortês,  
entre as damas de escol saiu-se bem;  
fêz o seu “flirt” e, até falou francês.*

*Tocou, dançou, cantou... e foi além...*

*Mas, logo após um tríduo,*

*Voltou o velho porco ao seu país.*

*Bé! lhe mugiu em côro todo o gado,  
assim tão pouco assíduo?*

*Tão cedo? A sociedade não te quis,  
ou fêz-te a sociedade pouco agrado?  
Não, disse o Porco — é sã filosofia  
de turista exigente.*

*Estava muito bem lá, mas enfadava  
o pervertido ambiente*

*duma luxúria fria...*

*A ver o mesmo vício, invariavelmente,  
em tôda a parte a mesma porcaria”.*

\* \* \*

Deixando a direção do jornal, entregou-se Paulo Lôbo inteiramente à sua advocacia até 1920, quando passou a ocupar o cargo de diretor da Recebedoria de Rendas Estaduais de Campinas, sem contudo esquecer o jornalismo que continuou exercendo em apreciações dos fatos notórios da vida do país, de arte e de literatura, e dos acontecimentos políticos em cujo campo, por tôda a sua vida, manteve absoluta independência.

Dois fatos que me ocorrem, bem significam sua altivez: quando estudante, ocupou o cargo de oficial de gabinete em secretaria de Estado; discordando de certa orientação governamental, exprobrou o govêrno, pela imprensa e em comícios nos quais foi orador, tudo sem receio de represália que foi, inevitavelmente, sua saída do cargo oficial. Durante a primeira guerra européia, ao declarar o Brasil guerra à Alemanha, o povo de São Paulo empastelou o jornal alemão que

se sediava à rua Líbero Badaró; dois dias depois um deputado federal visitava, na redação depredada, o redator e, à saída da visita, o abraçou carinhosamente no passeio da rua. Choveram ataques ao deputado que afrontara a opinião pública e que não pôde, assim, fugir à renúncia do mandato parlamentar; passados poucos meses o oficialismo apresentou o mesmo ex-deputado, candidato ao senado paulista, o que também provocou protestos da imprensa livre, integrada, neste passo, também por Paulo Lôbo, em vibrantíssimos editoriais, embora estivesse êle filiado ao partido situacionista.

Um outro traço de elevação do seu caráter era a sua convicção religiosa sempre mantida e demonstrada com desassombro. No seu grande e boníssimo coração, vivia uma religiosidade profunda, fundamentada em sólido conhecimento doutrinário haurido na infância com os carinhos maternos, na adolescência com o zêlo dos jesuítas e na mocidade com o exemplo paterno. Nunca o abandonou a sua crença, e para os embates da mocidade valia-se da proteção da Virgem Maria, rezando, mesmo nas mais equívocas situações da vida, invariavelmente em todos os dias de sua existência, uma ave-maria a Nossa Senhora como em tempo lhe aconselhara o pai, o fervorosíssimo e santo Maestro Elias Lôbo.

Na idade provecta, aproximou-se mais da prática dos sacramentos e atos de piedade, da comunhão diária, da vigília na Adoração Noturna na Igreja do

Rosário, ora desaparecida, e no antanho a cargo carinhoso de sacerdotes amigos Filhos do Coração de Maria. Na sua preferida tribuna, a imprensa, não deixou êle de se expressar à “*Mater divinae gratiae*” em formoso mês de maio, de cuja oração para aqui trago dois pequenos trechos:

“Em derramas de azul sem mancha o céu esplende e os zéfiros, como custódios da pureza cerúlea vão em avançada, de horizonte a horizonte, detendo nos extremos o círrus mal humorado.

Brilham nos pulcros adornos do espaço garridices piedosas.

Hão de ser os pequenos querubins que adejam aos pés da Virgem, desgarrados de seus rútilos apogeus, espalmando as asas, pairando nas alturas, como sombras castas dêsse manto inviolado que cinge o corpo augusto da Mãe da divina graça. É o mês das suaves jaculatórias em que o rito dos cristãos tem mais poesia, mais beleza e fausto a liturgia.

Cada prece é um hino de amor, cada invocação um consôlo; o perdão desce redimindo culpas do passado com promessas que confortam o ânimo para os males que hão de vir.

E sorriem nas falas dos sons, da côr e da luz dos altares que o fumo azul do incenso

afigura suspensos e oscilantes nas ondas de espirais”.

“Mas, diante de Maria, que é santa, e que é meiga, os filhos se confundem, sob o mesmo reflexo de seu olhar de Mãe: vão ao seu conspecto as crianças canoras como pássaros, envoltas nas mesmas flôres da oferenda, vamos também os que delinqüimos, de rastos, aos pés da mesma Virgem Imaculada, cobertos de culpa.

Nas preces o mortal se eleva a par dos justos e as preces a Maria, os querubins que o digam, os céus atendem”.

A esta encantadora e poética página, não me caberiam escusas se não juntasse dois formosos trechos que em domingo de Ramos fêz Paulo Lôbo iluminar as suas letras com um sol radioso, astro-rei que do seu brilho e realeza se fêz em treva na morte do Crucificado:

“A luz da manhã surgiu em fim de aurora mais pura, porque o sol dêsse dia, quando ergueu-se surpreendendo a natureza em frêmitos de luxúria, distendeu o seu véu sem nódoas, como se, feitura dêsse instante, escapasse das mãos divinas para luzir pela primeira vez...

E iluminaram-se aquelas hortas, torrentes e colinas, serros, beatos sítios que o profeta predissera como cenários da paixão divina.

E o povo das cercanias, quando a luz se fêz, penetrou os muros de Jerusalém, despertada para as festas do Templo”.

E continua,

“O sol que as supremas promoções do gênio humano envaideceram e ilustraram, guindando ao sólio entenebrecível de árbitro constelar, brilhou nas verdes palmas, refletiu nas torrentes de Siloam e no seio pedregoso do Cedrão, luziu nos pretórios de Pilatos, nas arcarias do Templo, nos salões devassos de Hanah, nas alcovas de Cláudia, nos mármore de Moriah e nas paredes do cenáculo!

Prateou os mares ermos, antes que a primeira quilha se colasse ao seu dorso; dardejou sobre os bosques inviolados e searas santas que bendiziam de seus raios”.

“Esse mesmo que aclarou as eras de tirania e incesto em que o pecado nu e sadio habitava palácios de marfim e bebia em ânforas de ouro, fonte de luz inextinguível, à hora do Supremo Sacrifício, na inteira plenitude de seus revérberos desmaiou em síncope sensacional que as entranhas da terra perturbou e fendeu”.

\* \* \*

Em princípios do século foi Paulo Lôbo convidado pelo General Glicério a mudar-se para o Rio, campo vasto para expandir sua inteligência primo-

rosa; teria posição política como os irmãos, seria, profetizavam os amigos, membro da Academia Brasileira de Letras, êle que contava entre seus admiradores um Coelho Neto não só para o admirar mas ainda até para colecionar suas crônicas. Mas, o meu patrono se havia apegado a Campinas, recusou deixá-la para aqui viver por mais de trinta anos até o seu falecimento em 26 de junho de 1932.

Passou, assim, da Campinas que renasceria das cinzas das epidemias e das depressões da crise cafeeira; da Campinas pacata de ruas que se iluminavam com lampiões de gás, que se agitavam com os bondinhos de tração animal, com os carros das famílias ricas, tirados por cavalos de raça, martelando bulhentos os paralelepípedos, com os carros de praça estacionados no largo da Matriz Velha, grandes, fechados e sacolejantes das suas vidraças; da Campinas das casas grandes e sobradões fidalgos, cheios de festas, de saraus animados pelas danças, pela música, pela poesia a cargo dos moços mais letrados, pelos jogos e brinquedos de salão, em ricos ambientes, muitos adornados de mobiliário vindo da França entre os Sèvres e porcelanas da Baviera ou de Viena ou de Capo di Monte, entre quadros de autores franceses ou dos retratos a óleo iluminados por refulgentes candelabros de cristal de Bacarat, tudo servido de iguarias e doces em brasonados limoges; passou dos tempos adversos e das suas grandezas remanescentes, ao renascer desta terra que êle tanto quis, aqui vivendo sua vida e a dos seus, aqui erigindo o seu lar do qual foi chefe

exemplaríssimo, aqui idolatrando seus filhos campinenses para se encantar mais tarde com os netos queridos.

Senhores, perdoem-me ter-vos dito eu, nesta noite, palavras minhas. Na messe florida da pena do meu patrono, caber-me-ia apenas aqui trazer a luz do seu verbo. E para a remissão que vos pedi de início, vou dizer-vos o que êle, como enamorado de Campinas, escreveu, luminoso e profético, sôbre sua terra de adoção:

“Ilustre pátria das Artes, bêmço de varões assinalados, terra do bem e do trabalho que o culto exaltas da fecunda Ceres, ressurges que o sinto.

Os templos teus que abrigam a arca santa dos invencíveis dogmas apostólicos transbordam de fiéis, apascentados na cordura e na piedade.

De férteis granjas a estrêla da germinação loureja os teus campos e nos teus serros, que ressaltam verdenegros do chão ubérrimos anosos cafezais alinha, poderosos como um exército, pródigos como um seio de mãe. E a sua luz de eterna primavera os teus hortos aromáticos enflora, compondo êsses matizes raros que as rosas e os crisântemos purpuram.

A justiça dos teus tribunais, reta e sábia, ilumina-se por sob a venda simbólica que a

viseira comprime, ampara os fracos e os fortes contém, solene como a ordem, soberana como o direito.

A vida que dissemina pelas tuas artérias robustas, os obreiros infatigáveis, domina triunfal em surto de harmonia e agitação como em colmeias; e nas searas, nas forjas, nos prelos, nas mercancias, nas escolas, nos laboratórios, servos e senhores, a luta fraterniza.

A infância, vergôntea que se empalma vivente, vivaz e palreira, sabe a ciência dos números, mede o giro das estrêlas, conjuga os verbos difíceis e conta segredos das plantas.

A juventude, preciosa prenda olímpica, resumo da suprema divindade, dá-te atletas, ó bêmços fortes na informatura, donairosa no semblante.

E se tua mocidade passou o estrangeiro, baronizada e fútil, discutindo o esporte e domando hienas sensuais do bosque de Milita, agora a vês guiada por veredas de eficiente denôdo, entendida de alfarrábios, forte no amanhã das terras, prêsa do amor, conquistando ninhos...

E os velhos teus, bondosos e pálidos, alquebrados de membros e lúcidos de espírito, deixam refletir na alvinitência das barbas a candura virginal de seus costumes e têm brilhos nos olhos que a nós inexpertos viajores os abismos denunciam.

Mansuetos, indulgentes não sabem mal-dizer, não sabem condenar.

Floresces, minha terra, que eu o sinto e a tua ressurreição não confunde os guardas do túmulo, nem os apóstolos da tua grandeza sofrem martírios.

Bêmço egrégio, benfazejo e prolífico, rica de imprensa e gás, de ferro carril e liceus, desdobra teu manto roçagante e deixa que o ar, a luz, as formas nuas da tua grandeza banhem”.

\* \* \*

The first part of the paper is devoted to a general  
 consideration of the subject. It is shown that  
 the theory of the subject is not yet fully  
 developed. The author then proceeds to a  
 detailed examination of the various  
 aspects of the subject. He discusses the  
 historical development of the subject, and  
 the progress of research in the field.  
 He also discusses the practical applications  
 of the theory, and the importance of the  
 subject in the present day. The author  
 concludes by pointing out the need for  
 further research in the field, and  
 the importance of the subject in the  
 future.





★ Impressão na ★  
EMPRESA GRÁFICA DA  
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA.  
★ São Paulo ★